

Contribuindo com um resgate histórico

O Trote e a Época da Bicharada

Por Celso Foelkel



Artefatos baile dos bichos da ESALQ (foto cedida por Altair Lombardi)

O trote da ESALQ sempre foi e continua sendo um dos mais famosos e cultuados do Brasil. O período do trote tem como meta a integração dos recém-ingressados acadêmicos ou “bichos” no sistema educacional da ESALQ. Seus objetivos centrais deveriam ser: a integração, a conscientização do papel do universitário e a formação de novas amizades entre os acadêmicos.

Entretanto, o trote é mais encarado pelos estudantes como uma disputa de estratégias, que no caso dos bichos são aquelas criadas para se conseguir escapar dos caçadores (veteranos). E do lado dos veteranos, as estratégias são opostas: são de caça e não de fuga. Enfim, o jogo era esse e a gente participava com disposição e criatividade.

Muitos estudantes acabam não entendendo bem esse jogo, e com isso, são geradas situações de desconforto com algumas práticas inapropriadas de falta de respeito ao ser humano. Essa é uma das razões que leva o trote a ser algo controverso e conflituoso, que termina por resultar em inúmeras novas amizades, mas em inimizades permanentes, também. A própria sociedade tem dificuldades para entender as razões para algumas brincadeiras de gosto duvidoso, que costumam ser praticadas.

Nós da turma A-70 tivemos um período de trote de aproximadamente 60 dias. Tudo começava com a divulgação dos resultados finais do vestibular, com a publicação da lista oficial de aprovados (meados de fevereiro de 1966). O trote durava até o seu encerramento, que consistia de: a diplomação dos bichos, uma missa de ação de graças; uma passeata dos bichos pelas ruas de Piracicaba e o tradicional baile dos bichos no ginásio de esportes da agronomia. Todas essas festividades de encerramento aconteceram em 16 de abril de 1966.

Se bem me recordo, durante todo o período de trote, *o papel dos bichos era o de fugir dos veteranos após as aulas*. Enquanto no *campus*, a gente se falava e até mesmo recebia gozações dos mesmos, nada se comparava ao que aconteceria depois das aulas. Para as fugas, a gente desenvolvia estratégias mirabolantes, saindo pelos fundos do *campus*, pelos terrenos vizinhos, em porta-malas de veículos e até pelos esgotos e valos de construções.

Quando um bicho era apanhado, a maior decepção que tinha não era na verdade o fato de ter que aguentar as brincadeiras até mesmo pesadas, mas sim o fato de ter sido capturado porque sua estratégia falhara.

Apesar do longo período do trote e essa disputa ser diária, ao término do trote raramente ficavam sequelas no pessoal da turma. É claro que existiram exceções nas brincadeiras (algumas de mau gosto), mas a maioria das brincadeiras consistia de:

- Limpar as repúblicas;
- Organizar prateleiras e arquivos dos veteranos;
- Passar a limpo cadernos de anotações dos veteranos;
- Engraxar dezenas de sapatos;

- Fazer ordem unida em grupo;
- Apostar corridas em desvantagem (veteranos em autos ou bicicletas) e bichos a pé;
- Rastejar seminus para ralar um pouco os joelhos e cotovelos;
- Receber pinturas e sujeiras (barro, ovos, tomates, frutas podres) no corpo;
- Pedir a benção com beijo de mão;
- Reverenciar os veteranos;
- Almoçar nas repúblicas (ou na mesa com os veteranos ou “no chão como bicho”);
- Lavar a louça do almoço; etc.

Acredito que pouquíssimos alunos de nossa A-70 possam ter-se sentido deprimidos ou ofendidos com o trote. Na maioria dos casos, conseguimos cultivar novas amizades e aprendemos a como agir no ano seguinte, quando seríamos nós os veteranos a caçar os bichos da A-71.

Enfim, o trote é controverso, todos sabemos disso. Existe formas distintas de cada um encarar o mesmo. Talvez o maior problema do trote esteja no fato de não prestarmos atenção nas individualidades pessoais, ou de não questionar antes ao bicho se ele está disposto a participar da brincadeira.

Porém, todas as controvérsias acabam com a passeata dos bichos e com o famoso e esperado baile dos bichos. A passeata é o momento apoteótico do trote, com a bicharada se fantasiando e desfilando pelas ruas centrais de Piracicaba. Por incrível que possa parecer, desfilamos organizadamente e sem exageros – fizemos um belo papel para os atentos olhares dos nativos e de nossos familiares que vieram para participar do baile e ver a nossa passeata. Até carros alegóricos foram disponibilizados – cada república querendo deixar sua marca de qualidade na passeata.

A passeata dos bichos era o grande acontecimento do mês de abril em Piracicaba, uma cidade que sempre se orgulhou de sua escola agrícola e dos muitos de seus filhos que estudam ou que são professores nessa escola.

O baile dos bichos finalizava o período do trote, com os bichos se integrando socialmente através da música e da dança com a

sociedade local, com seus parentes e com suas caras-metades. Com isso, as angústias de ter que fugir acabavam, o cabelo voltaria a crescer e os períodos de provas começariam a se tornar a nova angústia da nossa turma.

Restaria então para nós a espera pelo novo período de trote, quando em 1967 ocuparíamos a posição de veteranos, tendo que adotar *estratégias de caça aos bichos*, ao invés das estratégias de fuga que desenvolvemos em 1966.

E assim, tudo continuaria a acontecer na "Noiva da Colina", a terra da ESALQ e do seu famoso trote.

Passeata dos bichos de 1966







Exemplo de diploma de bicho concedido pelo CALQ – Centro Acadêmico Luiz de Queiroz no término do trote em 16.04.1966

